



## **Homilia de dom José Luiz Majella Delgado, C.Ss.R., arcebispo metropolitano**

### **Dia do Jubileu Arquidiocesano**

*Catedral metropolitana do Bom Jesus*

*Pouso Alegre (MG), 23/09/2022*

A liturgia faz-nos celebrar, hoje, os 60 anos de instalação canônica da arquidiocese de Pouso Alegre. Esta data interessa primeiro só à Igreja local de Pouso Alegre, alargando-se às Igrejas particulares da Campanha e Guaxupé. Desta forma, pretendemos expressar o amor à Igreja de Pouso Alegre que, como afirma Santo Inácio de Antioquia, “preside na caridade” toda a comunhão desta província eclesiástica. Esta é, portanto, a festa que nos reúne na catedral de Pouso Alegre com a dupla intenção litúrgica de honrar a arquidiocese, como igreja particular e como sede metropolitana, constituída do povo dos redimidos, enquanto unido a Deus pela fé e pelos sacramentos e que se junta e forma uma só família, a comunidade cristã, isto é, a Igreja.

Saúdo com gratidão e renovada esperança os cristãos desta província eclesiástica de Pouso Alegre, da qual a Providência quis que eu, humilde ministro da Igreja de Deus, fosse chamado a ser o quarto arcebispo, o pastor. Manifesto a comunhão e a solicitude para com todas as Igrejas locais desta Província através dos bispos dom José Lanza Neto e dom Pedro Cunha Cruz, seus legítimos representantes. Saúdo, portanto, os presentes, quase passando-os em revista para atribuir a cada qual o ofício que é também chamado a exercer nesta Igreja e na sociedade. Saúdo o cônego Wilson Moraes, nosso vigário-geral; Saúdo o cabido metropolitano; saúdo o cônego Vonilton Augusto, cura desta catedral; Saúdo o padre Heraldo dos Reis, reitor do seminário arquidiocesano Nossa Senhora Auxiliadora; saúdo o padre Edson Aparecido da Silva, coordenador arquidiocesano de

Pastoral; saúdo de modo especial aos párocos e vigários das nossas paróquias; saúdo os religiosos e religiosas, cujas comunidades são jardim do Reino de Cristo; saúdo os seminaristas; com todo o coração saúdo os fiéis aqui presentes e os que nos acompanham pelas plataformas digitais. E, permitam-me que eu chame nesta revista quantos têm um rosto específico nesta assembleia: os coordenadores e secretários dos Conselhos Paroquiais de Pastoral (CPP); representantes das diversas pastorais arquidiocesanas e paroquiais, movimentos e comissões; a respeitosa saudação aos membros da Comissão Jubilar, que com sensibilidade e generosidade desempenharam com êxito a organização deste Jubileu de Diamante da nossa arquidiocese; representantes das dioceses da Campanha e Guaxupé; as autoridades civis, para as quais vão a minha respeitosa saudação e os votos pelo maior êxito da sua função pública.

A Palavra de Deus que ouvimos na liturgia apresenta-nos na primeira leitura o profeta Ezequiel dirigindo-se ao Povo de Deus exilado na Babilônia. Anuncia a chegada de um tempo de salvação e de graça, em que Deus vai estabelecer a sua morada no meio dos homens e vai derramar sobre a humanidade sofredora vida em abundância. A questão central neste texto é a da presença de Deus no meio dos homens. Deus nunca desiste de se fazer uma presença amiga e reconfortante na caminhada dos homens e derramar sobre a humanidade sofredora vida em abundância.

No Evangelho, Jesus apresenta-Se como o Novo Templo, o “lugar” onde Deus reside no mundo e onde os homens podem fazer a experiência do encontro com Deus. É através de Jesus que o Pai oferece aos homens o seu amor e a sua vida. Aquilo que a antiga Lei já não conseguia fazer – estabelecer relação entre Deus e os homens – é Jesus que, a partir de agora, o faz. Na segunda leitura, Paulo recorda aos cristãos de Corinto que são, no mundo, o Templo de Deus onde reside o Espírito. O templo de pedra é símbolo da Igreja viva, a comunidade cristã, que já os apóstolos Pedro e Paulo, nas suas cartas, significavam como “edifício espiritual”, construído por Deus com as “pedras vivas” que são os cristãos, sobre o único fundamento que é Jesus Cristo, por sua vez comparado com a “pedra angular” (1Cor 3,9; 1Pd 2,4). Animados pelo Espírito, os cristãos são chamados a viver numa dinâmica nova, seguindo Jesus no caminho do amor, da partilha, do serviço, da obediência a Deus e da entrega aos irmãos. Vivendo dessa forma, eles tornam Deus presente e atuante no meio da cidade dos homens.

Hoje, é festa para a Igreja de Pousos Alegres. O documento de Aparecida explica: “o povo de Deus se constrói como comunhão de Igrejas particulares” (DAP 182). O

motivo de celebrar os 60 anos da arquidiocese de Pouso Alegre encontra-se sempre operante na herança do compromisso de comunhão, participação e missão para o presente e para o futuro das Igrejas particulares que compõem esta província eclesiástica. Todos devemos trazer no coração com uma florescente renovação: a unidade na Igreja. “O Espírito Santo constrói a comunhão e a harmonia do povo de Deus. Ele mesmo é a harmonia, tal como é o vínculo de amor entre o Pai e o Filho. É Ele que suscita uma abundante e diversificada riqueza de dons e, ao mesmo tempo, constrói uma unidade que nunca é uniformidade, mas multiforme harmonia que atrai” (cf. EG 117). Se refletirmos sobre as impressões mais significativas e comovedoras do caminho da unidade desta província eclesiástica reconheceremos com alegria as múltiplas riquezas que o Espírito Santo gerou e gera nesta Igreja: nas cerimônias, nas orações, nos encontros de pastorais, nos estudos bíblico, teológico, cultural e social, nas peregrinações, na formação dos futuros padres, na colegialidade e fraternidade episcopal, na amizade e na experiência da sinodalidade. Se nos concentrarmos nas convicções que nos unem e recordarmos o princípio da hierarquia das verdades, poderemos continuar caminhando para formas comuns de anúncio, de serviço e de testemunho evangélicos. Formamos uma só família, uma sociedade única, uma *ecclesia*, que quer dizer, uma assembleia compenetrada num organismo solidário, o Corpo místico de Cristo, que é, precisamente, a Igreja. A experiência deste misterioso parentesco, confirma-nos na feliz certeza de que: sim, esta é a Igreja fundada e querida por Cristo: *que todos sejam um* (Jo 17,21). Assim é e deve ser o Povo de Deus. A Igreja, sinal e instrumento da relação da humanidade, isto é, da “íntima união com Deus e a da unidade de todo o gênero humano”, manifesta “a sua natureza e a sua missão universal” (LG 1).

A unidade das Igrejas particulares desta província deve ser também um pensamento operante para a renovação eclesial da nossa arquidiocese que vive o processo do seu primeiro Sínodo Arquidiocesano. A unidade nas nossas paróquias deve ser, simultaneamente, programa da nossa fidelidade a Cristo Senhor: queremos que Cristo reviva em nossas vidas e no nosso tempo? Precisamos escutar uns aos outros, com respeito, livres de ideologias. O mais importante de tudo é o espírito sinodal: “se aproximar dos outros com respeito e confiança, acreditar na nossa unidade partilhada e receber a novidade que o Espírito quer revelar para nós” (Papa Francisco, *Vamos sonhar juntos*, 2020, p. 103).

Hoje, convivemos com fenômenos negativos que se referem ao princípio da unidade que deve caracterizar a Igreja, principalmente depois do Concílio Vaticano II. São as infrações, os abusos, as tentações, as paralisias, o saudosismo de uma igreja medieval, o clericalismo, a polarização. Análise delicada e comentário longo exigiria o diagnóstico desses fenômenos negativos. Limite-me a um simples e lacônico comentário ao contexto atual de polarização que vem tornando a nossa sociedade cada vez mais dividida e fragmentada. A Igreja não é imune a esse contágio. Como devemos agir em contexto de polarização, quando a política, a sociedade e a mídia por vezes parecem ser uma competição de quem fala mais alto, em que os oponentes procuram “cancelar” uns aos outros enquanto disputam o poder? A ausência de diálogo sincero na nossa cultura pública faz com que seja cada vez mais difícil criar um horizonte partilhado, rumo ao qual podemos caminhar juntos. A nossa principal tarefa não é evitar a polarização, mas nos comprometermos com o conflito e as discordâncias, de maneira a precaver que degenerem em polarização. São inúmeros e enormes desafios que vivemos nos tempos atuais para firmarmos na unidade, precisamos praticar a arte do diálogo, sintetizando diferentes pontos de vista num plano maior (Papa Francisco, *ibidem*, p. 86-87).

Para tecer a unidade na Igreja, na nossa província eclesiástica, precisamos compreender a força unificadora do Espírito Santo, que tece a unidade com as nossas diferenças, que dá harmonia porque é Harmonia. “Nosso princípio de unidade é o Espírito Santo. E a primeira coisa que Ele nos lembra é que somos filhos amados de Deus. Todos iguais nisso, e todos diferentes. O segredo da unidade na Igreja, o segredo do Espírito, é o dom. Porque Ele é dom, vive doando-Se e, assim, nos mantém unidos, fazendo-nos participantes do mesmo dom” (Papa Francisco, homilia missa de Pentecostes, 31/05/2020).

Desejo, amados irmãos e irmãs, que celebrando esta solenidade litúrgica e jubilar, nesta catedral metropolitana, aumentasse o nosso amor à província eclesiástica de Pouso Alegre. Mesmo celebrando este jubileu, que saibamos reconhecer o nosso próprio dever de penitência e a nossa própria necessidade de humilde reconciliação com Deus e com os homens. Devemos atribuir a um favor da divina Bondade o fato de nos ser concedido a todos morar nestas terras sul mineiras, e pertencer a esta Igreja que nos oferece a exemplaridade de mulheres como a Beata Nhá Chica, a irmã Maria Imaculada da Santíssima Trindade – Mãezinha do Carmelo e tantas outras mulheres guerreiras e convictas de sua fé; do beato padre Victor, do servo de Deus Alderigi Torriani e tantos

outros homens de boa vontade que com desejo de santidade fizeram sua entrega total ao Senhor. Que seja a caminhada da nossa arquidiocese uma escola de harmonia e de afeição eclesial, sempre preocupada com os irmãos abandonados, sofredores, injustiçados.

Ao terminar esta reflexão repito as palavras que Santo Inácio de Antioquia escreveu na carta a São Policarpo: “Trabalhai pela unidade, que é a maior das bênçãos”. Nesta imensa tarefa da nossa província eclesiástica, amados irmãos e irmãs, tende confiança, sede fortes: porque Deus não nos deu um espírito de timidez, mas de fortaleza, amor e domínio próprio. (2Tm 1,7). Rezemos ao Espírito Santo: “Vinde, Espírito Santo! Vós que sois harmonia, tornai-nos construtores de unidade; Vós que sempre Vos doais, dai-nos a coragem de sair de nós mesmos, de nos amar e ajudar, para nos tornarmos uma única família” (Papa Francisco).

Amém.